



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS**

JHULIO PAES FARIAS

A DIDÁTICA E A PRÁTICA ESCOLAR: ABORDAGENS E OBJETO

Abaetetuba-PA

2019

JHULIO PAES FARIAS

A DIDÁTICA E A PRÁTICA ESCOLAR: ABORDAGENS E OBJETO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação e Ciências Sociais do Campus Universitário de Abaetetuba da Universidade Federal do Pará, como requisito para a obtenção do grau de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Joyce Ribeiro

Abaetetuba-PA

2019

JHULIO PAES FARIAS

A DIDÁTICA E A PRÁTICA ESCOLAR: ABORDAGENS E OBJETO

Banca avaliadora:

Profa. Dra. Joyce O.S. Ribeiro – Orientadora

Prof. Dr. Jadson Fernando Garcia Gonçalves

Profa. Esp. Ana Nice Lima Rodrigues

Dedico este trabalho à minha mãe, que é minha fortaleza, minha inspiração. O maior patrimônio da minha vida é minha família.

Àqueles a quem eu dedico todos os meus esforços e minha lealdade, eu não seria nada sem a colaboração de cada um de vocês que ajudaram a construir minha personalidade. Hoje posso dizer que sou alguém de quem tenho orgulho, por ter sido tão cercado de amor, carinho e compreensão.

Dedico esse capítulo da minha vida à minha MÃE, meu PAI, minha IRMÃ que me ensinou e ensina muitas coisas boas e meu IRMÃO que está nos braços de Deus. Dedico aos amigos que conquistei ao longo dessa caminhada que é apenas o começo, são pessoas que farão parte da minha vida até o meu último suspiro.

Queria poder citar o nome de cada um, mais teria que escrever um livro para contar a importância que cada pessoa tem durante todos esses anos de minha vida.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus, por ter me dado a oportunidade, proteção e força necessária para começar e “finalizar” essa caminhada.

À professora Joyce Ribeiro, pela paciência e compreensão dedicadas durante a realização do trabalho de conclusão, me ajudando com indicações para a pesquisa bibliográfica e apontando sugestões para trabalhar com o tema que escolhi.

Aos colegas de turma que, durante esses quatro anos, souberam conviver de maneira harmoniosa e agradável.

À minha MÃE, pelo incentivo para a realização do meu sonho;

Agradeço a todos aqueles que, de forma direta ou indireta, levaram-me a refletir e a assumir posições, contribuindo com o meu amadurecimento pessoal e científico.

Não há saber mais ou saber menos: Há saberes diferentes (Paulo Freire).

RESUMO

Há ainda hoje uma grande associação da didática ao tecnicismo, o que acarreta em assimilações errôneas desta concepção da educação pedagógica. A não compreensão dessa abordagem educacional pode acarretar em uma educação superficial, de difícil compreensão, subordinando a saberes de fácil manipulação, não críticos, incapazes de associar o conteúdo teórico com a prática, o que acarreta na fácil manipulação de pensamentos e atitudes. Faz-se a importância de desenvolver este trabalho como forma de contribuir para a compreensão dessa área da educação que se faz tão importante para a educação escolar. O objetivo desse trabalho é enfatizar a didática como facilitadora da educação, que tem o poder de atravessar as diversas barreiras encontradas no contexto social, educacional e cultural. Este trabalho foi produzido a partir de pesquisa teórica com base em autores como: Paulo Freire (2018), Ilma Passos de Alencastro Veiga (2011) e (2012), Vera Maria Candau (2009) e (2014), José Carlos Libâneo (2013) e (2014) entre outros. Entre os resultados de pesquisa, informo que na primeira seção se compreende que a Didática mudou ao longo do tempo e hoje possui ampla atuação na educação. Na segunda seção, percebe-se que a Didática não existe em si, ou seja, não é suficiente para promover o ensino nem a aprendizagem, porém, se utilizada de forma correta, quando dos processos pedagógicos, estaria garantindo a qualidade do ensino e da aprendizagem. Sendo assim, a Didática deve estar submetida às finalidades do ensino, dando apoio aos instrumentos e às atividades. Concluo que a didática se faz essencial para o planejamento educacional, aplicação de atividades e ensinamentos.

Palavras-chave: Didática. Tendências pedagógicas. Prática escolar. Ensino-aprendizagem.

ABSTRACT

There is still a great association of didactics to technicalism, which aims to assimilate the ideas of education. The discipline is superficial, difficult to understand, subordinate to a know-how of easy manipulation, it is not critical, unable to associate the subject with a practical practice, which is easy to deal with thoughts and attitudes. Make a contribution to work as a way to contribute to the development of this area of education that is important for school education. The objective of this work is to emphasize didactics as a facilitator of education, which has the power to cross as several barriers found in the social, educational and cultural context. This work was based on authors such as Paulo Freire (2018), Ilma Passos de Alencastro Veiga (2011) and (2012), Vera Maria Candau (2009) and (2014), José Carlos Libâneo (2013) and (2014)) among others. Among the results of the research, I inform you that it is a first section if you understand that the didactics has changed over time and the number of times that mr. In the second section, it can be seen that Didactics, that is, is not enough to promote teaching or learning, but if it is correct, when it comes to pedagogical processes, are guaranteeing the quality of teaching and learning. Therefore, the didactics must be included in the purposes of teaching, giving support to the instruments and activities. He concluded that, no matter how technicist the didactic seems essential for educational planning, the application of activities and teachings.

Keywords: Didactics. Pedagogical trends. School practice. Teaching-learning.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2ª SEÇÃO	12
2 DIDÁTICA:HISTÓRICO, OBJETO E OBJETIVOS.....	12
2.1 Breve história da didática	12
2.2 A didática nas tendências pedagógicas da prática escolar	16
3ª SEÇÃO	21
3 A DIDÁTICA NO BRASIL: PRÁTICA PEDAGÓGICA E FORMAÇÃO DOCENTE	21
3.1 A Didática e a prática escolar no Brasil.....	21
3.2 A Didática na sala de aula e a formação docente	30
4 CONCLUSÃO.....	40
REFERÊNCIAS	41

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tentará mostrar que não é fácil atuar na educação. Os recursos que se fazem essenciais para a aplicação do ensino nem sempre estão ao alcance dos docentes e mesmo que estejam, nem sempre são garantidores de qualidade do ensino e da aprendizagem.

A prática escolar ao longo da história passa por diversas modificações em sua estrutura, metodologia, recursos e formas de compreender a importância dessa ferramenta de desenvolvimento da humanidade que é a educação. Dentro da educação há diversos vieses que levam a objetivos distintos. Para cada área de conhecimento há um caminho a ser trilhado, informações para assimilar e objetivos a alcançar. Contudo, entre o início e o resultado há um caminho a ser percorrido, enfrentado para que se alcance tal objetivo.

A prática escolar baseia-se na efetivação das circunstâncias que asseguram a promoção do trabalho docente. Essas condições não se limitam rigorosamente ao pedagógico, sendo que a escola executa funções que lhe são entregues pela sociedade, a qual se retrata como fundada por classes sociais com interesses implícitos. Dessa forma, a prática escolar possui posicionamentos sociopolíticos que idealizam diferentes conceitos de homem e de sociedade, o que acarreta em diferentes hipóteses sobre a função da escola, aprendizagem, relações professor-aluno, técnicas pedagógicas dentre outras.

O objetivo desse trabalho é enfatizar a didática como área de estudos da pedagogia que tem função de facilitar a transmissão de conhecimentos e que tem o poder de atravessar as diversas barreiras encontradas no âmbito social, educacional e cultural. Este trabalho foi produzido a partir do referencial teórico com base em autores como: Paulo Freire (2018), Ilma Passos de Alencastro Veiga (2011) e (2012), Vera Maria Candau (2009) e (2014), José Carlos Libâneo (2013) e (2014) entre outros.

O procedimento metodológico utilizado para elaboração deste trabalho foi pesquisa bibliográfica, que compreende a fase inicial do trabalho, onde se pode reunir dados e informações que servirão de base para a construção da pesquisa de acordo com o tema. A pesquisa bibliográfica deve se limitar ao tema escolhido, para que se possa realizar um aprofundamento no assunto. Foram utilizados, neste trabalho, livros, artigos, sites e blogs, como meios de aquisição de informações para sua construção, compreensão e estruturação.

A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém, pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando

referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta (FONSECA apud GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 32).

A didática, do ponto de vista instrumental, é compreendida como um agrupamento de instruções técnicas em relação ao “como fazer” pedagógico, tais conhecimentos retratados de forma universal e, de forma resultante, separados dos problemas referentes à definição e ao desfecho da educação, dos materiais específicos, assim como do contexto sociocultural tangível em que foram criados. De alguma forma, explícita ou implicitamente, esta concepção está informada pela tentativa de Comênio de propor “[...] um artifício universal para ensinar tudo a todos”. (CANDAU, 2014, p. 14).

A didática é a área de estudos da pedagogia que investiga os fundamentos, circunstâncias e formas de realização da instrução e do ensino. Sua finalidade é transformar objetivos sociopolíticos e pedagógicos em objetivos de ensino, escolher conteúdos e métodos em função desses objetivos, estipular os vínculos entre ensino e aprendizagem, visando o desenvolvimento das competências mentais dos alunos. Segundo Libâneo (2013), a didática está intimamente ligada à Teoria da Educação e à Teoria da Organização Escolar e, de modo muito especial, vincula-se à Teoria do Conhecimento e à Psicologia da Educação.

A didática orienta a maneira como as aulas serão ministradas, pela forma como o conteúdo será organizado e apresentado objetivando um resultado. Pois bem, dependendo de como a Didática será utilizada, poderão ser obtidos resultados diferentes. Se utilizada de forma coerente, a didática promove uma aula de fácil compreensão, já a não compreensão da didática pode acarretar num fracasso escolar, com pouca assimilação e resultados nada produtivos ou de pouca relevância para a vida dos discentes.

Esse trabalho está organizado da seguinte maneira: na primeira seção fala-se sobre a história da didática, desde seu surgimento, passando por diversas modificações, formas de assimilação e aplicação, até os dias de hoje. Na segunda seção, faz-se uma abordagem mais específica da didática como processo essencial para a educação e para o sucesso do ensino escolar.

2ª SEÇÃO

2 DIDÁTICA: HISTÓRICO, OBJETO E OBJETIVOS

Este capítulo tem como objetivo expor algumas concepções da didática ao longo da história da educação, com suas tendências e transformações. Farei, nele, um apanhado em relação ao ponto de vista de alguns autores sobre a didática, com suas metodologias, objetivos, crenças e concepções. Falarei também sobre as mudanças que a didática sofreu com o tempo, obtendo, com isso, formas de aplicá-la, assimilá-la, reestruturá-la, desmistificá-la, associá-la, etc.

2.1 Breve história da didática

Damis (2012) relata alguns períodos na trajetória histórica de constituição da didática, onde, em um primeiro momento a didática é entendida como um conjunto de regras que tem o intuito de garantir aos docentes, orientações essenciais à docência. Afirmo ainda que o fazer docente é visto de forma autônoma frente à política, separada das questões entre escola e sociedade (DAMIS, 2012). Logo após, o caráter técnico-prático do processo Ensino-aprendizagem ganha ênfase, põe-se lado a lado teoria e a prática, passando a compreender o ensino como um processo de pesquisa. Em outro momento, acreditou-se no predomínio dos processos metodológicos, dando ênfase mais à prática do que à teoria, dificultando a obtenção do conhecimento, dando mais importância às variáveis do processo de ensino das metodologias; é o ensino fora do contexto político-social (DAMIS, 2012). Por fim, concebeu-a como elemento inovador do ato de ensinar, com a organização racional do processo de ensino, do planejamento didático e dos materiais instrucionais (DAMIS, 2012).

Na Sociedade Antiga e Medieval, a escola não possuía condições sociais, políticas, econômicas e científicas para desenvolver-se como prioridade social. As relações de trabalho que predominavam nesse período, estavam baseadas no trabalho escravo ou servil, e foram decisivas para a formação de uma sociedade estática. A prática de educação sistemática se transformou em privilégio para ampliar habilidades voltadas à organização racional do pensamento e de entendimento.

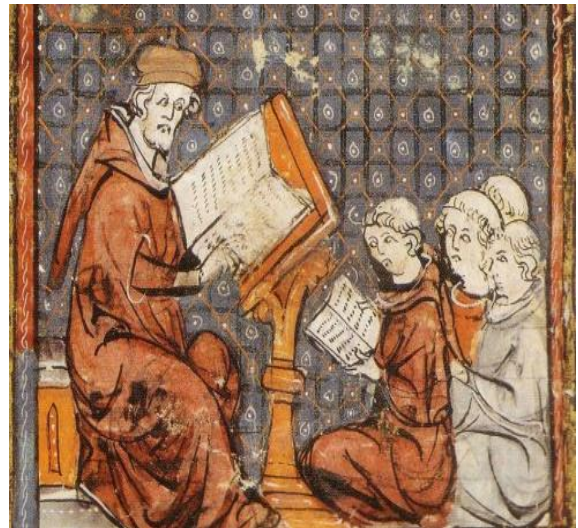


Nesse contexto, foi definida uma educação conservadora que transmitiu visões de mundo que atendiam às exigências situadas pelo estágio de desenvolvimento social, cultural, político, econômico, religioso e humano da época. O modelo de educação que promoveu o início do desenvolvimento científico e tecnológico foi restrito a poucos, e sua produção, veiculação e expansão não se fundava em necessidades do capital.

Compreendidos no interior do processo histórico de construção do pensamento pedagógico, Platão, Aristóteles e Santo Tomás de Aquino representam as primeiras expressões filosófico-pedagógicas de seus tempos. Esses pensadores, baseados num modelo ideal de essência humana - forma que molda a matéria - e ser que existe em potência, desenvolveram e disseminaram noções de educação que manifestam relações que, segundo Damis (2012), unem o desenvolvimento humano a fins dispostos em um modelo ideal de humanidade – de formação do caráter, de moral, de hábitos, do domínio das paixões, da justiça, do desenvolvimento religioso-intelectual, físico e artístico.

Para Platão, a educação ‘deve proporcionar ao corpo e à alma toda a perfeição e beleza de que são suscetíveis’ (Luzuriaga 1977, p. 53); para Aristóteles, deve ‘moldar a matéria com a energia do sentido contido na noção de forma humana’ (Sucholdoski 1978, p. 21); para Santo Tomás de Aquino, deve ser ‘uma atividade em virtude da qual os dons potenciais se tornam realidade atual’ (DAMIS, 2012, p. 17).

A educação, na Idade Média, perante a visão cristã de mundo, evidenciou a formação do ser humano como um ser imperfeito em busca da perfeição, visando retirá-lo da condição de pecador, direcionando-o a um ideal de salvação da alma. A liberdade era relativa aos dogmas da Igreja; sendo assim, como representante terrena da soberania divina, toda manifestação do pensamento deveria submeter-se à sua autoridade.



Segundo Damis (2012), a autoridade moral, filosófica e religiosa do mestre, a disciplina e a verdade religiosa transmitida tinham como referência uma visão de Deus que premiava os bons com o céu e castigava os maus com o inferno.

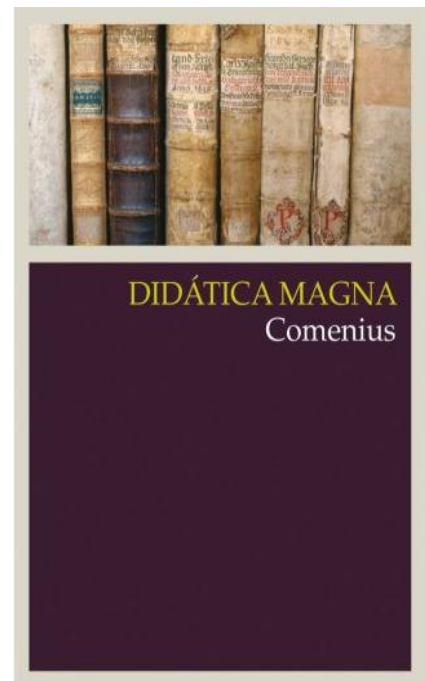


sociais e políticos que alcançaram e modificaram o modelo feudal de sociedade.

João Amós Comênio escreveu a *Didática Magna* durante a transição entre a sociedade feudal e a capitalista. Ele acreditava que o motivo das guerras e das chagas da humanidade é a ignorância humana, e o antídoto para se alcançar a cura é encontrado na educação para todos. Sua criação deu-se dentro dos movimentos

[...] a *Didática Magna*, definida como *Tratado da arte universal de ensinar tudo a todos*, sem se desvincular da finalidade religiosa, pretendeu estruturar um método para reformar a escola e criticar as práticas educativas de seu tempo. (DAMIS, 2012, p. 19).

Comênio concebia a escola como uma oficina de homens que deve ter a intenção de direcionar os alunos para uma instrução genuína, bons costumes e piedade. Em sua obra foram estruturadas as bases de uma didática, significando-a como *arte de ensinar* de forma rápida e sólida, tornando-a excelente para mostrar o caminho de forma fácil e segura, para colocá-la em prática sem exaustão, instabilidade, limitações, ilusões, erros e faltas.



Com a chegada da modernidade e da burguesia, as concepções de educação que ligam o homem à pátria celeste, desenvolvidas durante a Idade Média, são superadas pela concepção de individualidade. As relações sociais começam a instaurar uma sociedade produtivista e consumista, não podendo a escola continuar a utilizar fundamentos pedagógicos da escolástica¹. Segundo Damis (2012), a educação foi estabelecida como dever do Estado e direito do cidadão para atender às necessidades de desenvolvimento do capital, tendo o objetivo de adequá-la e adaptá-la a uma sociedade em constante mudança.

¹ Método ocidental de pensamento crítico e de aprendizagem, com origem nas escolas monásticas cristãs, que concilia a fé cristã com um sistema de pensamento racional, especialmente o da filosofia grega.



O processo de construção do conhecimento que trata da abordagem científica da educação teve início com Herbart que é conhecido como pai da moderna ciência da educação, ele deu início ao processo de sistematização da ciência pedagógica. O filósofo *Johann Friedrich Herbart*, define a educação moral, levando em consideração o papel do adulto na educação da criança, como forma de florescer em suas almas uma inteligência e vontade adequadas. Damis (2012) afirma que a moralidade reside na vontade determinada pela inteligência.

O desenvolvimento do caráter da criança é definido em três estágios: sensação e percepção; memória e imaginação; julgamento e conceitos universais. Sendo as ideias mais simples produzidas pelo povo mais antigo, a vida passada é mais simples que à presente, então, quanto mais imatura for a criança, o ensino deve utilizar as experiências passadas por serem mais simples e apelarem para o interesse de quem aprende. (DAMIS, 2012, p. 21).

Para Herbart, o homem é colocado diante das coisas por meio dos sentidos. A instrução deve fazer o possível para utilizar as coisas existentes para que haja a assimilação dos elementos primários que servirão de base para os conhecimentos secundários. O educador tem a função de cuidar para que se tornem claras as representações que são fornecidas ao aluno. Tem, ainda, o dever de desenvolvê-las desde o nível de sensações e percepções, passando pelo nível da imaginação e da memória, até chegar ao pensamento conceitual e ao julgamento.

Formula-se, pela primeira vez, um esquema de cinco passos formais a serem seguidos pelo professor na instrução onde este deve, no primeiro momento, recordar os conhecimentos já aprendidos; no segundo momento, apresentar o novo conhecimento ao aluno; no terceiro momento, deve comparar o novo conhecimento ao antigo, direcionando para a assimilação; no quarto momento, chega à generalização e no quinto momento, realiza a aplicação em exercícios.

A Didática segue se desenvolvendo com novas teorias, e na primeira metade do século XX, John Dewey propõe, segundo Damis (2012), a renovação da escola, alternando a abordagem e as finalidades da prática educativa. Para ele, é preciso fundar uma escola nova com o objetivo de orientar o crescimento infantil para facilitar a compreensão do significado do que se aprende e para desenvolver competências adequadas à vida da qual faz parte. O

professor precisa tornar o ensino atraente, facilitando a aprendizagem, desenvolvendo os interesses e a criatividade dos alunos, com o intuito de atender aos anseios da sociedade.

Outro a contribuir com as inovações didáticas do século XX foi *Burrhus Frederic Skinner*, psicólogo americano, que também contribuiu com o ato de ensinar, introduzindo no ensino e na pesquisa em didática mais uma dimensão, que, segundo Damis (2012), é a organização do ambiente favorável para modelar o comportamento no aluno, tendo em vista adaptá-lo e ajustá-lo ao ambiente e à vida social. Estas teorizações contribuem parcialmente para o mapa das abordagens didáticas que circulam na escola brasileira.

2.2 A didática nas tendências pedagógicas da prática escolar

Considerando que a evasão escolar, a desistência e a marginalização escolar são associadas às teorias educacionais, dois grupos teóricos explanam de forma clara como se dá essa associação entre superação da marginalidade e fator de marginalização. Esses grupos são denominados por Saviani (1999) como: Teorias Não-Críticas e Teorias Crítico-Reprodutivistas.

Segundo Saviani (1999), as teorias Não-Críticas veem a marginalidade como um fenômeno acidental que afeta as pessoas de forma individual, compreendendo-a como um desvio que pode e deve ser corrigido pela educação, criando, dessa forma, laços sociais entre os indivíduos, promovendo e garantindo a integração dos mesmos ao meio social.

As teorias Não-Críticas são a Pedagogia Tradicional, Pedagogia Nova e Pedagogia Tecnicista. A Pedagogia Tradicional concebe a educação como direito de todos e dever do Estado. Esse direito correspondia aos interesses da nova classe que se firmava no poder: a burguesia. Busca, dessa forma, superar a opressão do antigo regime destruindo a barreira da ignorância e promovendo, assim, um contrato social de forma livre entre os indivíduos.

Nessa teoria, a ignorância é vista como causa da marginalidade. A escola vem à tona como ferramenta de transformação da marginalidade, sendo seu papel o de transmitir conhecimentos adquiridos pela humanidade de forma organizada e lógica. A escola toma o professor como sujeito central, que tem o objetivo de repassar os conhecimentos aos alunos, para que assimilem os conhecimentos transmitidos.

A Pedagogia Nova surge a partir de críticas formuladas à teoria tradicional, esboçando uma nova forma de entendê-la e implantá-la. Essa teoria mantém a crença de que a escola tem o poder de promover o equilíbrio social, ainda acreditando que a escola poderia corrigir a distorção da marginalidade, que deixa de ser vista como ignorância ou não domínio do

conhecimento, passando a compreender o marginalizado, não mais como ignorante, mas como rejeitado. A integração de uma pessoa no âmbito social não se dá pela ilustração do mesmo, mas sim por sua aceitação pelo grupo social e pelo conjunto da sociedade que o mesmo se identifica.

Essa teoria passa, então, a utilizar o conceito de anormalidade biológica para se referir a crianças com deficiências neurofisiológicas, diferenciando-as das demais. Essas diferenças são detectadas através dos testes de inteligência e personalidade, assim como outros, criando, dessa forma, uma pedagogia que promove um tratamento distinto de acordo com a descoberta das diferenças individuais. A partir daqui os indivíduos passam a ser percebidos como diferentes, inéditos, únicos. A compreensão é a de que não se pode explicar a marginalidade pelas diferenças humanas, quaisquer que sejam. Ao contrário da pedagogia tradicional que explicava a marginalidade pelas diferenças de cor, raça, credo e classe. A pedagogia Nova entende essas diferenças como relacionadas ao domínio do conhecimento, participação do saber, e desempenho cognitivo.

A Pedagogia Tecnicista foi inspirada nos princípios de racionalidade, eficiência e produtividade, defendendo a reorganização do processo educativo, objetivando torna-lo preciso e operacional. Buscou elaborar uma educação organizada de forma racional, capaz de amenizar as interferências subjetivas que pudessem pôr em risco sua eficiência. Dessa forma, viu a necessidade de racionalizar os objetivos, e em alguns casos, mecanizar o processo. Surgiam, assim, de acordo com as concepções citadas acima, propostas pedagógicas de enfoque sistêmico, microensino, tele ensino, instrução programada, máquinas de ensinar, entre outras. Também, o parcelamento do trabalho pedagógico com a especialização de funções, exigindo a inserção de técnicos das mais variadas áreas no sistema de ensino, promovendo o que Saviani (1999) explica como a padronização do sistema de ensino, a partir de esquemas de planejamento previamente formulados aos quais devem se ajustar as diferentes modalidades de disciplinas e práticas pedagógicas.

O foco da Pedagogia Tecnicista é a organização racional dos meios, fazendo com que o professor e o aluno ocupem posições secundárias, afastados da condição de executores dos processos de planejamento, coordenação e controle, deixando essas funções nas mãos de especialistas supostamente habilitados, neutros, objetivos e imparciais.

Compreende-se, então, que para a pedagogia tecnicista a marginalidade não será identificada como a ignorância nem será detectada a partir do sentimento de rejeição. Marginalizado será o incompetente (no sentido técnico da palavra), isto é, o ineficiente e improdutivo. (SAVIANI, 1999, p. 25).

Dessa forma, a educação contribuirá para a superação do problema da marginalidade à medida que for formando indivíduos capazes de contribuir para o aumento da produtividade da sociedade, cumprindo, assim, a função de equilíbrio social.

Já as Teorias Crítico-Reprodutivistas, de acordo com Saviani (1999), fazem uma separação social entre grupos e classes, que mantem uma relação entre si por intermédio da força, manifestada em condições de produção da vida social. Assim, passa a compreender a marginalidade como fenômeno pertencente à estrutura da sociedade. Dessa forma, o grupo ou classe que possui maior força é visto como dominante, pois se apropria dos resultados da produção social, colocando os demais em condição de marginalizados. A educação, nesse caso, por ser entendida como dependente dessa estrutura, acaba tendo a função de reforçar a dominação e legitimar a marginalização.

Entre as teorias Crítico-Reprodutivistas, cita-se a Teoria do Sistema de Ensino Enquanto Violência Simbólica, Teoria da Escola Enquanto Aparelho Ideológico de Estado (AIE) e Teoria da Escola Dualista. Saviani (1999) considera essas três teorias como de maior repercussão entre a educação e o meio social, alcançando um maior nível de elaboração.

A Teoria do Sistema de Ensino Enquanto Violência Simbólica dos franceses *Pierre Bourdieu* e *Jean-Claude Passeron* refere-se a uma teoria axiomática, ou seja, um conjunto de noções primitivas aceitas sem demonstração, que segundo Saviani (1999), surge dos princípios universais para os enunciados analíticos de suas consequências particulares dedutivamente. Assim, os grupos de proposições começam por um enunciado universal – ações pedagógicas – e terminam por uma aplicação particular – uma formação social.

Essa teoria expressa uma ideia de que a sociedade se desenvolve como um sistema de relações de força material entre grupos ou classes. Esse sistema usa as relações de força simbólica para reforçar as relações de força material. Assim, o fortalecimento da violência material se dá pela sua conversão ao plano simbólico onde se elabora o reconhecimento da legitimidade da dominação pelo desconhecimento do sinal de violência explícita. Para tanto, a violência material exercida pelos grupos dominantes, pelo domínio econômico sobre os grupos dominados, é compreendida como violência simbólica.

A imposição da cultura dos grupos dominantes aos grupos dominados é desenvolvida através da autoridade pedagógica pelo trabalho de inculcação, ou seja, uma interiorização dos princípios de uma cultura sem fundamento, capaz de permanecer ativa mesmo após a cessação da ação pedagógica.

De acordo com essa teoria, marginalizados são os grupos ou classes dominados. Marginalizados socialmente porque não possuem força material (capital econômico) e marginalizados culturalmente, porque não possuem força simbólica (capital cultural). E a educação, longe de ser um fator de superação da marginalidade, constitui um elemento reforçador da mesma. (SAVIANI, 1999, p. 32).

A Teoria da Escola Enquanto Aparelho Ideológico de Estado (AIE), de *Louis Althusser* deriva do conceito de que a ideologia tem uma existência material, ou seja, sua existência está relacionada às práticas materiais. A Escola como Aparelho Ideológico de Estado foi colocada, nas formações capitalistas, em uma posição de dominância, constituindo, assim, um instrumento mais completo de reprodução das relações capitalistas. Dessa forma, a escola, ao reproduzir os saberes envolvidos na ideologia dominante, influencia uma grande parte das crianças de todas as classes sociais a cumprir a escolaridade básica e logo ingressar no processo produtivo, reproduzindo, assim, as relações de exploração capitalista.

O fenômeno da marginalização se inscreve no próprio seio das relações de produção capitalista que se funda na expropriação dos trabalhadores pelos capitalistas. Marginalizada é, pois, a classe trabalhadora. O AIE escolar, em lugar de instrumento de equalização social, constitui um mecanismo construído pela burguesia para garantir e perpetuar seus interesses. (SAVIANI, 1999, p. 34).

A Teoria da Escola Dualista de *Claude Baudelot e Roger Establiet* é baseada na visão de que a escola é dividida em duas concepções sociais da visão capitalista: a burguesia e o proletariado. A escola, então, contribui para a formação da força de trabalho e para a inculcação da ideologia burguesa, sendo que a formação da força de trabalho se dá no próprio processo de inculcação ideológica. O funcionamento do aparelho escolar é comandado pelo aparelho ideológico dominante, que é a própria escola, assim, a escola tem a função de promover a inculcação da ideologia burguesa.

A luta ideológica liderada, na escola, pelo Estado burguês aponta para a ideologia² proletária que se encontra fora da escola nas massas operárias e suas organizações. A escola, dessa forma, tem como objetivo impedir o desenvolvimento dessa ideologia e a luta revolucionária. Cumpre dizer, então, que a escola sujeita o proletariado à ideologia burguesa, qualifica o trabalho intelectual e desqualifica o trabalho manual.

[...] a escola, longe de ser um instrumento de equalização social, é duplamente um fator de marginalização: converte os trabalhadores em marginais, não apenas por referência à cultura burguesa, mas também em

² Todas as formas de consciência social: as ideias que legitimam o poder econômico da classe dominante (ideologia burguesa), e as ideias que expressam os interesses da classe dominada (ideologia proletária).

relação ao próprio movimento proletário, buscando arrancar do seio desse movimento (colocar à margem dele) todos aqueles que ingressam no sistema de ensino. (SAVIANI, 1999, pp. 39).

3ª SEÇÃO

3 A DIDÁTICA NO BRASIL: PRÁTICA PEDAGÓGICA E FORMAÇÃO DOCENTE

Este capítulo trata do desenvolvimento da Didática no Brasil, e das diferentes formas de compreensão da mesma em sala de aula, assim como, sua relevância na execução de atividades pedagógicas do ensino escolar, visando a compreensão da realidade tanto escolar como social.

3.1 A Didática e a prática escolar no Brasil

A Didática, de acordo com o ponto de vista do ato de ensinar, compreende o professor como transmissor direto de conhecimentos. A escola e sua prática possuem elementos necessários para a sua transformação. Segundo Veiga (2012), os elementos que constituem a prática pedagógica são o professor, o aluno, os conhecimentos, os procedimentos, os recursos e as tecnologias. A prática educativa da escola é transformada de acordo com as dimensões da didática, buscando a participação dos alunos em experiências que reforçam a construção de conhecimentos.

A metodologia de ensino surgiu no Brasil por volta de 1549 com os jesuítas, que atuaram com o objetivo de criar o homem universal, humanista e cristão. A metodologia de ensino, de acordo com Veiga (2012), é entendida como um conjunto de regras e normas prescritivas que visam a orientação do ensino e do estudo. A educação que era empregada pelos Jesuítas tinha intenção de ensino humanista de cultura geral que abrangesse todos os domínios do conhecimento humano. A ação pedagógica dos jesuítas foi marcada pelas formas dogmáticas de pensamento, privilegiando o exercício da memória e o desenvolvimento do raciocínio (VEIGA, 2012).

O que se entendia por didática naquele tempo era visto como instrumentos e regras metodológicas compreendendo o estudo privado em que o mestre prescrevia o método, a matéria e o horário de estudo; as aulas, ministradas de forma expositiva; a repetição, com o objetivo de memorizar e expor em aula; o desafio, estimulando a competitividade. A metodologia, que é a maneira como ficaram conhecidas às práticas de ensino dos jesuítas, são vistas como uma prática meramente formal, tendo por sua base a inteligência, a memória e o conhecimento, que são marcados pela visão essencialista do homem.

No Brasil, por volta de 1870, durante o período iluminista, com as mudanças do modelo agrário-exportador para o modelo urbano-comercial-exportador em decorrência da expansão cafeeira, o Estado assume a Laicidade e a Escola passa a disseminar uma visão burguesa de mundo e sociedade, para, com isso, tornar a classe burguesa uma classe dominante, mantendo, assim, a visão essencialista do homem, não mais como criação divina, mas associado a um entendimento de natureza humana, essencialmente racional. Dessa forma, o ensino se caracteriza como humanístico de cultura geral, tendo o professor como transmissor da verdade universal e enciclopédica, colocando a relação pedagógica de forma hierarquizante.

É assim que a didática, no bojo da pedagogia tradicional leiga, está centrada no intelecto, na essência, atribuindo um caráter dogmático aos conteúdos; os métodos são princípios universais e lógicos; o professor se torna o centro do processo de aprendizagem, concebendo o aluno como um ser receptivo e passivo. A disciplina é a forma de garantir a atenção, o silêncio e a ordem. (VEIGA, 2012, p. 36).

A didática, para a pedagogia tradicional, é entendida como um conjunto de regras que permite aos professores trilharem caminhos seguros para desenvolver o trabalho docente. O desenvolvimento da docência é considerado autônomo em relação à política, não associando questões relacionadas à escola e a sociedade. A escola possuía o papel de transmissora de conhecimentos acumulados historicamente, organizados de forma científica, levando em consideração características lógicas e psicológicas com o objetivo central a formação teórica comprovada, entendendo teoria como iniciadora da prática, compreendendo seus valores como processos distintos, separando, assim, teoria e prática.

Com a crise cafeeira na década de 1930, em decorrência da crise mundial da economia capitalista, o modelo socioeconômico de substituição de importações se firma, fazendo com que a sociedade brasileira sofra grandes transformações, resultando na Revolução de 30, provocada pelo movimento de reorganização das forças econômicas e políticas. Com a Reforma Francisco Campos, entre 1931 e 1932, que foi a primeira reforma educacional de caráter nacional constituída durante o governo Vargas, dando origem ao Ministério de Educação e Saúde Pública, contribuiu para o surgimento da primeira Universidade Pública brasileira. O primeiro instituto de ensino superior a funcionar de acordo com esse modelo foi a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, tendo influenciado na criação da disciplina “Metodologia do Ensino Secundário”.

[...] A origem da didática como disciplina dos cursos de formação de professores em nível superior está vinculada à criação da referida faculdade, em 1934, sabendo-se que a qualificação do magistério era colocada como ponto central para a renovação do ensino (VEIGA, 2012, p. 37).

A didática foi inserida como curso e disciplina em 1939, como afirmava o art. 20 do decreto-lei nº 1.190/39, tendo duração de um ano, sendo considerado, em 1941, um curso independente, realizado após a conclusão do bacharelado.

As influências das concepções: humanista tradicional e humanista moderna; mantiveram uma estabilidade entre os anos 1930 e 1945. Defendendo os princípios democráticos, o escolanovismo apresenta uma nova concepção de homem, onde o direito ao desenvolvimento é aberto para todos. Porém, esta concepção é desenvolvida em uma sociedade dividida em classes, onde essas diferenças entre a classe dominante e a classe subalterna são evidentes, fazendo com que a implantação desse ideal de homem se volte para aqueles que fazem parte da classe dominante.

A valorização da criança é uma característica muito presente no escolanovismo, sendo vista como um ser beneficiado de prestígios individuais, a qual se deve respeitar a liberdade, iniciativa, autonomia e interesses. Sem levar em consideração os aspectos político, econômico e social da realidade do país, o movimento escolanovista procurava uma solução para os problemas educacionais num ponto de vista interno da escola. Assim, o problema da educação torna-se uma questão escolar e técnica.

Dada a predominância da influência da pedagogia nova na legislação educacional e nos cursos de formação para o magistério, o professor absorveu seu ideário. Consequentemente, nesse momento, a didática também sofreu sua influência, passando a acentuar o caráter prático-técnico do processo ensino-aprendizagem, onde teoria e prática são justapostas (VEIGA, 2012, p. 38).

É possível, então, compreender a didática como um conjunto de ideias e métodos, que dá ênfase à dimensão técnica do processo de ensino, elaborada de acordo com saberes psicológicos, psicopedagógicos e experimentais, sendo constituído teoricamente com bases científicas, sem qualquer preocupação com o contexto sociopolítico-econômico, que promoveu a formação de novos perfis de professores chamados de professores técnicos.

Com a aceleração de importações e a inserção do capital estrangeiro no período de 1945-1960, o Estado populista, de acordo com o modelo político baseado no liberalismo, elabora uma aliança entre empresariado e setores populares contra a oligarquia. Mais à frente, o desenvolvimento vai se restringindo, prevalecendo apenas dois caminhos para se trilhar rumo ao desenvolvimento, as tendências populista e anti-populista.

O curso de didática deixa de ser obrigatório em 1948 com a lei nº 9.053, passando a ser utilizada pelo ensino como um estágio supervisionado. O esquema de três mais um (três anos de bacharelado e um de didática), também ficou obsoleto, sendo encerrado pelo parecer nº 242/62 do Conselho Federal de Educação. De acordo com Veiga (2012), lutas ideológicas a favor da escola pública e contra a escola particular foram se desenvolvendo entre os anos 1948 e 1961, ganhando força com a ação do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP), abrindo espaço para escolas católicas também se inserirem a esse movimento renovador.

Com a criação do Programa Americano-Brasileiro de Auxílio ao Ensino Elementar (PABAE), celebrado entre o MEC e o Governo de Minas, iniciou-se a introdução dos princípios da tecnologia educacional, gerada nos Estados Unidos, difundindo um ideário renovador-tecnicista, inspirado no liberalismo, dando ênfase à predominância dos métodos em relação à aquisição de conhecimento. A didática, segundo Veiga (2012), se volta para as variáveis do processo de ensino sem considerar o contexto político-social, acentuando, dessa forma, o enfoque renovador-tecnicista, na esteira do movimento escolanovista.

Mais adiante, o modelo político-econômico que se instalou no Brasil com o movimento de 1964 (Golpe Militar) se caracterizou pela busca acelerada do crescimento econômico do país, alterando abruptamente a forma de governo, a ideologia política e principalmente a educação, que desempenhava um papel muito importante para o crescimento econômico e tecnológico da sociedade.

A reforma do ensino superior teve como base para seu surgimento os acordos MEC/USAID, que tinha influência direta no sistema educacional. Tendo influenciado, também, na criação da disciplina “currículos e programas”, que acabou gerando um acúmulo de conteúdos, juntamente com a didática. Mais à frente, entre 1960 e 1968, com a crise da pedagogia nova, o grupo militar e tecnocrata assumiu uma articulação de tendência tecnicista, que tomava por base a neutralidade científica inspirada na racionalidade, eficiência e produtividade.

O curso de didática tem seu processo didático formal de ensino centrado na organização racional do processo, definindo quando, como e o que devem fazer professores e alunos. A separação entre teoria e prática é mais visível na didática tecnicista, pois:

O professor torna-se mero executor de objetivos instrucionais, de estratégias de ensino e de avaliação. Acentua-se o formalismo didático por meio dos planos elaborados segundo normas prefixadas. A didática é concebida como estratégia para o alcance dos produtos previstos para o processo ensino-aprendizagem (VEIGA, 2012, p. 41).

Em 1974 surgem estudos com intuito de fazer a crítica da educação dominante, mostrando as verdadeiras atribuições da política educacional por trás do discurso político pedagógico oficial, fazendo, assim, a denúncia do caráter reprodutor da escola onde as questões didático-pedagógicas são reduzidas pela predominância dos aspectos políticos do regime autoritário instalado em 1964.

Tais motivos colaboraram para que a didática, nos cursos de formação de professores, passasse a promover um discurso reprodutivista, sociológico, filosófico e histórico (VEIGA, 2012); secundarizando sua dimensão técnica, comprometendo, de certa forma, sua identidade, e acentuando uma postura pessimista e de descrédito no que se refere à sua contribuição quanto à prática pedagógica do futuro professor.

A Nova República, instalada na segunda metade dos anos 1980, proporcionou um novo período ao país, com o fim da ditadura militar, abrindo espaço, com a luta operária, para o surgimento de outras categorias profissionais como a dos professores, que se esforçaram para conseguir novamente o direito de fazer parte da definição da política educacional, assim como a recuperação da escola pública.

A pedagogia crítica serviu de base para que em 1980 surgissem estudos com o objetivo de se trabalhar a didática, no sentido de ir além dos métodos e das técnicas, buscando uma maneira de relacionar escola e sociedade, teoria e prática, ensino e pesquisa, professor e aluno, fazendo com que o professor detivesse uma visão mais ampla em relação às perspectivas didático-pedagógicas que melhor se encaixam com a realidade educacional, elaborando uma análise distintiva entre o cotidiano escolar e o ideário pedagógico embasado na teoria liberal.

A partir da segunda metade da década de 1980, essa questão passou a ser alvo de muitas discussões entre os educadores progressistas que, comprometidos com a maioria da clientela presente nas escolas, buscam alterar a lógica subjacente à abordagem anterior, passando a orientar a seleção e a organização dos conteúdos escolares com base no pressuposto de que, para essa maioria, teoria e prática constituem uma unidade. Em outros termos, no fazer gera-se um saber. (MARTINS, 2012, p. 75).

Com a Globalização³, na década de 1990, novas tecnologias surgem tendo influência direta na formação e na comunicação provocando uma reestruturação no trabalho, uma mudança nas relações entre as nações e na cultura local. Suas regras econômicas provocam

³ Processo de integração econômica-social-cultural-política entre as diversas nações do globo. Para mais, ver: Ianni (1992).

um grande impacto social, refletindo, também, sobre a educação em seus aspectos organizacionais do trabalho pedagógico.

Essas mudanças geradas pela globalização sobrecarregaram a escola, os professores e os alunos com acúmulo de papéis, funções e responsabilidades impostas por um processo de reforma. Surgindo novas exigências sobre a educação e o conjunto educacional, tendo que rever a prática avaliativa escolar para, então, a organização do processo educativo avaliativo centrado nas políticas globalizadas se tornarem realidade.

A didática inovadora visível nos parâmetros curriculares para a formação do professor, de nível médio e superior, está baseada em vertentes ligadas à competência pedagógica e à avaliação de resultados, com perspectivas teóricas, resultante das ciências sociais e humanas, desvinculando-a do amplo contexto social, criando o professor técnico, que apenas executa rotineiras atividades burocráticas e não críticas.

A didática, assimilada como unidimensional e conformista, é compreendida como “[...] capacidade de resolver problemas em uma dada situação, o que implica ação mensurável por meio da aferição de seus resultados imediatos” (VEIGA, 2012, p. 47). A didática modernizadora incorpora muitos conteúdos e saberes designados para o trabalho em sala de aula, restringindo-se a um grupo de dados técnicos que acabam se distanciando de seu verdadeiro significado.

A forma avaliativa utilizada nas escolas, ainda hoje, é feita de forma classificatória, autoritária, punitiva e excludente, exercendo uma função de controle social, pois reforça a divisão social existente na sociedade capitalista. A avaliação, segundo Veiga (2012), é vista como responsável pela marginalização dos indivíduos, aos excluídos do sistema escolar, seja impedindo sua entrada, seja impedindo seu avanço.

Ao decorrer dos anos 1990, os debates desenvolvidos por professores e pesquisadores, em relação à natureza científica e política da didática crítica, obteve uma precisão mais elevada em sua definição, podendo ser observado um crescimento da perspectiva crítica que está baseada em algumas elaborações recentemente articuladas.

Para que a perspectiva crítica da didática cresça, é preciso direcionar-se para um caminho multirreferencial, considerando as possíveis dificuldades a surgir do objeto que será estudado, e estabeleça trocas de experiências cada vez melhor elaboradas para que se possa compreender a complexidade do processo de ensino.

[...] a didática está assumindo novas configurações que apontam para o avanço teórico na problematização, na compreensão e na sistematização de conhecimentos de seu objeto de estudo: o ensino como prática social

concreta. As novas configurações da didática a partir da investigação qualitativa modificam significativamente a tríplice ação pedagógica: professor (ensinar), aluno (aprender), conhecimento (produzir/investigar). Esse movimento de reconfiguração da didática tem sido possibilitado pelas sistematizações e explicações da prática pedagógica como práxis (VEIGA, 2012, p. 51).

As teorias educacionais sofreram mudanças ao longo da história, em detrimento dos pontos de vista diferenciados que os profissionais da área desenvolveram, buscando o progresso da educação, por não acreditar mais nos conteúdos e métodos impostos por aqueles que detinham o conhecimento, transformando, dessa forma, a educação.

Ao longo do tempo, a didática e suas concepções passou por algumas transformações, modificando a forma como é compreendida, analisada, contextualizada, desempenhada, valorizada, assim como seus objetivos, passando por diversas concepções e estudos. Essas mudanças se deram de acordo com a visão dos educadores críticos ao longo da história da educação.

Libâneo, no livro “Democratização da Escola Pública”, faz uma análise sobre as práticas pedagógicas desenvolvidas por professores, levando em consideração os condicionantes sociopolíticos da escola, classificando suas tendências em liberais e progressistas, sendo a pedagogia liberal uma manifestação do sistema capitalista, que defende a liberdade e os interesses da sociedade, e a pedagogia progressista que representa as tendências que amparam os propósitos sociopolíticos da educação.

Esse modelo provocou uma classificação da sociedade, sustentando a ideia de que a escola tem a função de preparar os indivíduos para o desempenho de papéis sociais, fazendo com que os indivíduos passem a buscar uma adaptação aos valores e normas dessa sociedade dividida por classes, através da individualidade cultural. Segundo Libâneo (2014), a ênfase no aspecto cultural esconde a realidade das diferenças de classes, pois, embora difundida a ideia de igualdade de oportunidades, não leva em conta a desigualdade de condições.

Na visão tradicional da pedagogia liberal, o ensino é caracterizado pelo enfoque humanista, de cultura geral, onde o aluno é visto como capaz de alcançar seus objetivos pessoais e profissionais exclusivamente pelo seu próprio esforço. Os conteúdos e os dispositivos didáticos não tem relação com as realidades sociais. Prevalendo a palavra do professor como predominância. Na concepção tecnicista, a educação torna-se subordinada à sociedade, e tem o objetivo de preparar mão de obra para a indústria, estabelecendo metas econômicas, sociais e políticas. Na tendência liberal tradicional, o foco da escola se dá na preparação intelectual e moral dos discentes para que possam adquirir seu lugar na sociedade.

Os conteúdos de ensino são compreendidos como conhecimentos e valores sociais reunidos pelas gerações mais velhas e repassado ao discente como verdades. Seus métodos se baseiam em exposições orais do conteúdo, de forma demonstrativa. Na interação entre professor e aluno, prevalece o autoritarismo do professor, coagindo o aluno a se tornar receptivo, impedindo o diálogo entre eles ao decorrer da aula. Prevalece a ideia de que o ensino tem o intuito de repassar conhecimento, assimila a criança como um pequeno adulto, que consegue compreender da mesma forma, sendo apenas pouco desenvolvida.

A ideia de que o ensino consiste em repassar os conhecimentos para o espírito da criança é acompanhada de uma outra: a de que a capacidade de assimilação da criança é idêntica à do adulto, apenas menos desenvolvida. Os programas, então, devem ser dados numa progressão lógica, estabelecida pelo adulto, sem levar em conta as características próprias de cada idade. (LIBÂNEO, 2014, p. 25).

Na tendência liberal renovada progressista, a escola tem o papel de enquadrar as necessidades individuais ao meio social, devendo ser organizada de forma a retratar a vida o mais próximo possível do real. Os conteúdos de ensino são estabelecidos de acordo com as experiências que o sujeito vivencia perante problemas e situações desafiantes. Em seus métodos de ensino, prevalece a ideia do aprender fazendo, ou seja, dar-se-á um valor maior às experiências, pesquisas e descobertas, pelo estudo do meio natural e social. A interação entre professor-aluno se dá sem nenhum tipo de privilégio, tendo o professor o papel de auxiliar o progresso espontâneo da criança de forma livre, para dar forma a seu raciocínio.

Já na tendência liberal renovada não diretiva o papel da escola acentua-se na formação de atitudes, dando, dessa forma, uma importância maior aos problemas psicológicos do que aos pedagógicos. Os conteúdos de ensino enfatizam os processos de progressão das relações e do diálogo, secundarizando a transmissão de conteúdos. Dispensam-se os métodos de ensino para que prevaleça o esforço do professor em promover um método próprio, com o objetivo de facilitar a aprendizagem do aluno. A relação professor-aluno é promovida de forma que o aluno seja o sujeito principal no desenvolvimento da educação, com o objetivo de construir, através de suas experiências, uma personalidade não pertencente à sua natureza.

A tendência liberal tecnicista concebe a escola como modeladora do comportamento humano, com a utilização de técnicas específicas. Os conteúdos de ensino são elaborados de acordo com princípios científicos, selecionados e organizados por especialistas, de forma sequencialmente lógica e psicológica. Seus métodos de ensino baseiam-se em métodos e técnicas essenciais ao conjunto e equilíbrio das condições ambientais que certificam a transmissão/recepção de informações. A relação professor-aluno é organizada de forma bem

definida, onde o professor exerce o papel de administrar as condições de transmissão de matéria, de acordo com um sistema instrucional, e o aluno tem o objetivo de receber, aprender e fixar as informações. A concepção Progressista por sua vez, tem, na educação, uma finalidade sócio-política, sustentada por uma análise crítica das realidades sociais.

O parecer progressista da pedagogia, segundo Libâneo (2014):

[...] tem-se manifestado em três tendências: a **libertadora**, mais conhecida como pedagogia de Paulo Freire, a **libertária**, que reúne os defensores da autogestão pedagógica; a **crítico-social dos conteúdos** que, diferentemente das anteriores, acentua a primazia dos conteúdos no seu confronto com as realidades sociais. (LIBÂNEO, 2014, p. 33).

A tendência progressista libertadora tem o papel escolar de questionar a realidade concreta das relações do homem com a natureza e com os outros homens tendo o propósito de promover uma transformação crítica da educação. Seus conteúdos são extraídos da problematização da prática de vida dos alunos. Descartando a importância da transmissão de conteúdos específicos, dando ênfase às experiências vividas. Seus métodos de ensino compreendem, no diálogo entre professor e aluno, uma relação autêntica, envolvendo de forma ativa os sujeitos ao ato de conhecer. Os passos da aprendizagem permitem aos alunos um esforço de compreensão de sua realidade através da troca de experiência envolta da prática social. A relação professor-aluno se dá de forma horizontal onde os mesmos se posicionam como sujeitos do ato de conhecimento, eliminando as relações de autoridade.

Na tendência progressista libertária, a escola tem o papel de transformar a personalidade do aluno com objetivo libertário e autogestionário, buscando introduzir modificações institucionais com base na participação grupal e mecanismos institucionais de mudança. Seu conteúdo de ensino é colocado à disposição do discente, porém, não é exigido, pois se entende que o importante é o conhecimento adquirido pelas experiências vivenciadas pelo grupo. Seus métodos de ensino se desenvolvem na vivência grupal, na forma de autogestão, onde se tem o objetivo de encontrar o suporte que mais lhes satisfaz sem quaisquer formas de poder. A relação professor-aluno se dá de forma não diretiva, considerando a ineficácia dos métodos baseados em obrigações e ameaças.

A tendência progressista crítico-social dos conteúdos tem o papel escolar de difundir conteúdos concretos indissociáveis das realidades sociais, preparando o aluno para o mundo adulto e suas contradições, fornecendo instrumentos que lhes permitirão participação ativa na democratização da sociedade.

Seus conteúdos de ensino são conteúdos culturais, universais que se elaboraram a partir de conhecimento autônomo, adquirido pela humanidade que, no entanto, é constantemente reavaliado de acordo com as realidades sociais. Seus métodos de ensino se subordinam aos conteúdos, partindo de uma relação direta com a experiência do discente que é confrontada com o saber externo, relacionando a prática vivida pelo aluno com os conteúdos propostos pelo professor. A relação aluno-professor se dá promovendo condições em que professores e alunos possam colaborar para fazer progredir trocas que estabelecem interação entre o meio e o sujeito.

Haverá sempre objeções de que estas considerações levem a posturas antidemocráticas, ao autoritarismo, à centralização no papel do professor e à submissão do aluno. Mas o que será mais democrático: excluir toda forma de direção, deixar tudo à livre expressão, criar um clima amigável para alimentar boas relações, ou garantir aos alunos a aquisição de conteúdos, a análise de modelos sociais que vão lhes fornecer instrumentos para lutar por seus direitos? (LIBÂNEO, 2014, p. 45).

As duas primeiras tendências, respectivamente, partilham de aspectos em comum como o antiautoritarismo, a autogestão pedagógica e a ênfase nas experiências vivenciadas em relações educativas. Dando, assim, um maior valor ao processo grupal de aprendizagem, do que ao próprio conteúdo de ensino. Já a tendência crítico-social, tem o aspecto de valorizar a prática pedagógica ao longo de sua inserção nas práticas sociais, compreendendo a escola como mediadora entre o individual e o social, promovendo a transmissão de conteúdos, promovendo uma reelaboração do saber crítico, superando, dessa forma, as tendências anteriormente citadas.

A seguir será feita uma abordagem sobre as contribuições da didática ao ensino escolar e sua compreensão para promover resultados satisfatórios ao ensino e à aprendizagem, promovendo uma reflexão sobre sua importância educativa.

3.2 A Didática na sala de aula e a formação docente

Segundo Damis (2012), os elementos que integram a prática pedagógica são: o professor, o aluno, os conhecimentos, os procedimentos, os recursos e as tecnologias utilizadas. A alteração das relações entre os componentes que concebem a prática pedagógica é um dos pontos abordados pelos cursos de formação do profissional da educação sobre o ato de ensinar. O objeto de estudo da didática é, segundo Damis (2012), a arte de ensinar. Para tanto, as pesquisas desenvolvidas em didática, que fazem crítica ao modelo tradicional de ensino, formam elementos necessários para promover a transformação da prática escolar.

Estimular e permitir a participação ativa dos alunos em experiências de aprendizagem que enfatizam a construção de conhecimentos, desenvolver projetos adequados aos interesses dos alunos, da comunidade escolar e da sociedade, utilizar novas tecnologias de comunicação e informação, organizar trabalhos interdisciplinares e coletivos, são algumas das dimensões enfatizadas pelo conteúdo da didática, visando à transformação da prática educativa desenvolvida pela escola. (DAMIS, 2012, p. 14).

A prática pedagógica desenvolvida pela escola está amplamente associada a práticas sociais. Os professores precisam compreender o significado social das decisões na sua prática pedagógica, pois estas definem as relações entre os elementos que a integram. Do contrário, se tornarão vítimas de modismos e de linguagens sem significados teóricos para fundamentar sua ação. A escola, por meio do trabalho pedagógico, organiza relações localizadas entre as finalidades específicas de educação formal e as finalidades sociais para a formação humana.

Buscando superar a tendência técnica predominante no Brasil, na década de 1980 encontros, estudos, debates e pesquisas realizados por professores em formação tinham o objetivo de elaborar uma nova didática. Essa reelaboração da didática tem como centro configurador de sua temática a articulação das dimensões técnica, humana e política na perspectiva da multidimensionalidade do processo Ensino-aprendizagem.

Ao longo dos anos 70, a conjuntura pedagógica prestigiou a influência da espera que os privilégios da tecnificação nesse campo seriam confortantes ao processo de Ensino-aprendizagem. O Brasil assistiu nos anos 60 a necessidade de contemporaneizar os recursos humanos com a modernização, para colocá-lo a serviço da industrialização.

[...] todo esse movimento de supervalorização da técnica não é específico do campo educacional, mas é parte constitutiva do processo de modernização. O campo educacional apenas compartilhou dos desdobramentos de uma visão tecnocrática que lançara suas garras nos mais variados setores da sociedade brasileira. (ARAUJO, 2011, p. 17).

O tecnicismo tornou-se pedagógico da mesma forma que se tornou político, econômico, burocrático-administrativo, bancário, agrícola, previdenciário, etc. Sendo uma concepção pela qual a sociedade se compreende, e que tal autocompreensão permeia todas as relações sociais, econômicas, políticas, educacionais etc. (ARAUJO, 2011).

As técnicas de ensino não existem em si, ou seja, não são suficientes para promover o ensino nem a aprendizagem, porém, se utilizada de forma sequencialmente correta, quando dos processos pedagógicos, estariam garantindo a qualidade do ensino e da aprendizagem. Sendo assim, as técnicas devem estar submetidas às finalidades do ensino, dando apoio aos instrumentos e às atividades.

[...] a técnica de ensino é um componente da racionalidade que busca imprimir ao processo pedagógico. Na realização de tal racionalidade, a técnica tem seu lugar como condição necessária e indispensável, mas não suficiente, uma vez que favorece e condiciona o próprio processo pedagógico em sua realização concreta. (ARAUJO, 2011, p. 25).

Deve-se observar que a racionalidade que busca transmitir ao processo pedagógico não tem um aspecto somente teórico, mas prático também. As diversas técnicas existentes no processo de ensino e aprendizagem escolar possibilitam variadas intermediações entre o professor e o aluno.

As técnicas, quando fazem parte do processo de ensino e aprendizagem escolar, possibilitam diversas intermediações entre professor e aluno. Esse intermédio não ocorre somente pela utilização das técnicas de ensino, no entanto, são elas que proporcionam a promoção das relações intersubjetivas. As técnicas localizam-se na fronteira da subjetividade entre professor e aluno.

Não se pode formalizar totalmente o modo de comunicação entre professor e aluno, pois pode resultar em um processo de diluição do processo pedagógico. Não se devem conceber as técnicas de ensino como algo pronto, pois isso tem o intuito de formalizar o processo de ensino. As técnicas estão a serviço do processo de ensino, ou seja, ao professor e ao aluno, e não o inverso.

A técnica tem características de subordinação aos fins, sendo relativa sua significação, guardando relações com aquilo à que serve. Segundo Araújo (2011), as técnicas encontram sua razão de ser no serviço que prestam, no entanto, conhecê-las teoricamente não garante o seu sucesso. A forma como é utilizada é que define seu potencial.

Toda técnica é tecida e envolvida por determinados ideais educativos. Não é a técnica que define o ideal educativo, mas o contrário. Assim é possível usar o retroprojetor sem ser tecnicista. É possível realizar estudo dirigido sem aquela auréola planificante que o definia. É possível a aula expositiva sem ser tradicional. Pode-se usar a instrução programada, mesmo conhecendo seus limites, sem a certeza de estar no melhor caminho, ou de que o ensino e a aprendizagem têm garantido o seu sucesso. (ARAÚJO, 2011, p. 27).

Para se compreender a didática no âmbito escolar, é preciso, antes de tudo, compreender a importância do educador como um dos construtores do projeto histórico de desenvolvimento do povo.

[...] a ação pedagógica não poderá ser, em hipótese alguma, entendida e praticada como se fosse uma ação neutra. Ela é uma atividade que se faz ideologizada; está marcada em sua própria raiz, pela “coloração” do projeto

histórico que se delineia no decorrer da própria ação. A ação do educador não poderá ser, então, um “quefazer neutral”, mas um “quefazer” ideologicamente definido. (LUCKESI, 2012, p. 28).

O educador, segundo Luckesi (2012), não pode desempenhar suas atividades sem uma teoria que o norteie, como uma opção filosófico-política; uma teoria do conhecimento norteadora da prática educacional; fundamentos específicos de sua prática. Devendo, também, optar por meios de processar a ação educativa sem que entre em conflito com as citadas acima.

Para que um educador tenha uma boa formação, devem-se criar condições para que o mesmo obtenha um preparo filosófico, científico e técnico, para o tipo de trabalho que irá desenvolver (LUCKESI, 2012); Devendo, não só adquirir conhecimentos cognitivos sobre os variados campos de conhecimento, mas, também, desenvolver atitudes críticas sobre o mundo e sobre sua prática educacional. A formação do educador nunca termina, pois a sua preparação/aquisição de conhecimentos e experiências que o tornarão um bom profissional será adquirido no dia a dia meditando teoricamente sobre sua prática a partir dos dados adquiridos e assimilados.

Segundo Luckesi (2012), a didática, desde a Grécia Antiga, significa um modo de facilitar o ensino e a aprendizagem de modos de conduta desejáveis. Nesse tempo, a didática tinha a finalidade de transmitir conteúdos moralmente⁴ desejáveis. Já na atualidade, a didática é utilizada como meio para transmitir, conteúdos morais – voltados ao comportamento, respeito, hierarquia - como, também, conteúdos cognitivos – pensamento, raciocínio, memória, assimilação, reflexão - sendo que há uma acentuação maior nos conteúdos cognitivos. A institucionalização da educação atual prega a transmissão de conteúdos das várias áreas do conhecimento científico. No entanto, sabe-se que existe uma carga muito grande de conteúdos moralizantes de forma implícita nas atividades do magistério. Pode-se comprovar isso com os livros didáticos que, segundo Luckesi (2012), sob uma capa de “objetividade” científica, transmitem a pura ideologia dominante.

Com a chegada dos modismos da tecnologia educacional ao Brasil, elementos dos aspectos filosóficos, políticos e epistemológicos da educação perderam espaço para a metodologização da educação. A dominação de técnicas para elaboração de planejamentos, no ensino, passou a fazer parte constituinte da prática educacional. O planejamento, segundo

⁴ Conjunto de regras aplicadas no cotidiano e usadas continuamente por cada cidadão. Essas regras orientam cada indivíduo, norteando as suas ações e os seus julgamentos sobre o que é moral ou imoral, certo ou errado, bom ou mau.

Luckesi (2012), é um elemento básico, mas como um dos elementos do todo em função de opções filosófico-políticas, forjadas na prática histórica.

Essa maneira de assumir a didática, porém, acaba trazendo danos à relação teoria/prática, pois, é ensinada de forma distinta em relação às outras disciplinas profissionalizantes tanto nos cursos de pedagogia quanto nos demais cursos de licenciatura. Segundo Luckesi (2012), na prática do planejamento, execução e avaliação do ensino, superior ou básico, ela é apresentada como se fosse um conjunto de mecanismos assépticos e isolados de “como fazer” alguma coisa. Dando a entender que as técnicas poderiam fazer sentido mesmo sem um suporte ideológico e de conteúdo científico.

A metodologia educacional é vista, em alguns estudos, como uma dinâmica de interação humana. Apresenta dimensões: humana, técnica e político-social; sendo um processo multidimensional. Estas dimensões não devem ser compreendidas como partes que devem estar juntas e que não se relacionam, como uma associação meramente superficial, mas sim, um processo articulado onde à prática educativa assuma uma perspectiva político-social.

A teoria e a prática educativa, numa visão de unidade e formação do educador, são consideradas a base articuladora da formação do educador, devendo ser trabalhadas de forma que se tornem uma unidade inseparável. A teoria, na visão de unidade, é fortalecida deixando de ser um conjunto de regras para passar a ser planejada de acordo com as necessidades da realidade educacional.

O educador, segundo Candau e Lelis (2014), precisa revelar sua ação como resposta às diferentes necessidades colocadas pela realidade educacional e social. Só que para isso, sua formação deve ter a consciência crítica da educação e do papel exercido por ela na sociedade, como objetivo inicial, resultando num compromisso pela melhoria da qualidade do ensino, levando em consideração os limites e possibilidades da ação educativa em virtude dos determinantes socioeconômicos e políticos que caracterizam uma determinada formação social.

É preciso compreender que no ramo da educação, o professor, ao formar o aluno, está formando ao mesmo tempo a si, e o aluno, ao se formar, está ao mesmo tempo ajudando a formar o professor. Dessa forma, pode-se observar que o ato de ensinar não se fecha em apenas transferir conhecimento, nem o ato de formar é o propósito pelo qual se dá forma ou estilo a um “corpo” indeciso.

Freire (2018) afirma que não há docência sem discência, pois ambos se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto um do outro. A descoberta do ato de ensinar por homens e mulheres se deu aprendendo histórica e

socialmente, onde passou, com o tempo, a se tornar necessário criar maneiras, caminhos e métodos de ensino.

Quando vivemos a autenticidade exigida pela prática de ensinar-aprender, participamos de uma experiência total, diretiva, política, ideológica, gnosiológica, pedagógica, estética e ética, em que a boniteza deve achar-se de mãos dadas com a decência e com a seriedade. (FREIRE, 2018, p. 26).

[...] quanto mais criticamente se exerça a capacidade de aprender, tanto mais se constrói e desenvolve o que venho chamando “curiosidade epistemológica”, sem a qual não alcançamos o conhecimento cabal do objeto. (FREIRE, 2018, p. 27).

O Professor precisa reforçar a capacidade crítica do aluno, assim como sua curiosidade e sua insubmissão. O ensinar não se limita ao tratamento do objeto ou do conteúdo de forma superficial, pelo contrário, se desenvolve de acordo com a produção das condições em que aprender criticamente é possível. Para que essas condições se mantenham, faz-se necessário a presença de professores e alunos criadores, instigadores, inquietos, rigorosamente curiosos, humildes e persistentes.

O educador, para promover conhecimentos com visões críticas, precisa continuar tendo experiências em cima de estes saberes, tais que não podem ser simplesmente transferidos aos educandos, como afirma Freire (2018), os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo.

Na aplicação do trabalho didático, o professor constantemente se depara com a necessidade de definir as técnicas que irá utilizar para desenvolver os conteúdos de seu programa de ensino. Quando criativo, o professor constantemente busca inovar sua prática dinamizando as atividades desenvolvidas em sala de aula. A variação das técnicas é uma alternativa para a dinamização.

Para estimular o pensamento crítico do aluno, pode-se utilizar a aula expositiva dialógica onde se emprega o diálogo entre professor e alunos para estabelecer uma relação de troca de conhecimentos e experiências. Para isso, o professor toma como referência a experiência dos alunos relacionada com o assunto em estudo.

Os conhecimentos que são apresentados pelo professor são questionados e redescobertos pelos alunos a partir do choque de ideias com a realidade conhecida, valorizando, dessa forma, a vivência dos alunos, seus conhecimentos concretos, relacionando esses conhecimentos prévios com o assunto a ser estudado.

Ao ouvir o aluno falar de sua realidade e experiências de vida, o docente progride com o aluno para uma compreensão crítico-científica da realidade global. Dessa forma, os alunos remetem-se para além dos limites do conteúdo restrito da aula e do currículo do curso, sendo despertados para perceber a realidade à sua volta, tornando-se mais atentos aos acontecimentos fora dos limites da instituição de ensino.

Para provocar a curiosidade no aluno, despertando a vontade de adquirir mais conhecimento, o professor pode problematizar determinadas situações do dia a dia como: fatos, fenômenos e ideias; doravante de alternativas que progridam à compreensão do problema em si, de seus encadeamentos e de meios para sua solução. Diferentemente das aulas expositivas tradicionais onde o professor, segundo Lopes (2011), apresentava respostas sem que os alunos tenham lhe perguntado algo. Tal ação do professor tradicional é justificada pelo fato do autoritarismo da Pedagogia Tradicional entregar ao professor a diretividade do processo de ensino, o que acaba resultando em bloqueios das experiências do aluno, inibindo e/ou reprimindo a capacidade de questionar os conhecimentos aprendidos.

O professor que adota a Pedagogia Crítica [...] por meio da pergunta busca incentivar a curiosidade dos alunos e desenvolver neles uma atitude científica. De outra parte, para esse professor não podem existir perguntas sem sentido ou fora de propósito. O professor que não quer bloquear a curiosidade de seus alunos, mas sim incentivar a produção do conhecimento, jamais desconsidera uma pergunta em aula, mesmo que ela possa lhe parecer ingênua ou despropositada. Ao perceber uma pergunta mal formulada, o papel do professor é ajudar o aluno a refazer a pergunta, pois essa atitude educa o aluno para o aprender a perguntar. (LOPES, 2011, p. 47).

Orientar o discente em seu estudo é uma das tarefas do professor. Para tanto, o docente pode fazer uso do estudo dirigido como técnicas de ensino, onde os alunos exercem um trabalho determinado pelo professor, dessa forma o professor os orienta e os acompanha, baseando-se em um livro e/ou um artigo e/ou um texto didático. Dessa forma o professor pode oferecer um roteiro de estudo antecipadamente elaborado para que o discente possa conhecer o material escrito de forma realista. Com isso o discente poderá: ler, compreender, interpretar, analisar, comparar, aplicar, avaliar e elaborar seu estudo. O livro didático é, atualmente, a base do processo Ensino-aprendizagem, sendo o principal recurso utilizado pelo professor, constituindo-se na homologação de sua ação docente. Com isso, a organização do roteiro de estudo engloba: indicação das fontes de estudo, definição de instruções claras, determinação de tarefas e seleção adequada do material de leitura.

Quando se fala em técnicas de ensino e em sugestões metodológicas é significativo ter entendimento sobre que força essencial a educação escolar pode exercer, em que condições

históricas e sob que aspectos históricos podem colaborar, sem ilusão e sem renúncia, para a criação de uma sociedade capaz de interceder em sua própria história. Os educadores, segundo Castanho (2011), devem notar a que se determina, por meio de técnicas, uma relação de troca com seus alunos, proporcionando-lhes o desenvolvimento da criatividade, da autonomia intelectual e emocional, e da rebeldia.

A discussão e o debate habilitam os discentes para a liderança e para a independência intelectual e não para a subordinação. Alunos submissos transparecem professores autoritários. Um bom professor, segundo Castanho (2011), se empenha em estabelecer o exercício da independência do aluno, não se opondo à sua atividade, mas prolongando-a e ampliando-a. A educação subordinada gera consequências graves para o avanço social, encabulando o intelecto científico, levando à aceitação da alegação de autoridade, conduzindo a comunidades imobilistas que não criam ou reestruturam fatos.

A técnica tem o propósito de dar início a perspectivas fazendo com que o aluno tenha meios de expor argumentos de maneira que progrida de forma autônoma. Esse é um dos motivos pelas quais se estabelece o diálogo, para abrir o campo da verdade, colocando em circulação pluralidades de percepções.

A didática, segundo Libâneo (2013), é uma das disciplinas da Pedagogia que estuda o processo de ensino por meio dos seus componentes para formular diretrizes orientadoras da atividade profissional dos professores. Sendo uma matéria de extrema importância na formação do professor e, também, um meio de trabalho que ajuda o docente a conduzir a atividade de ensino resultando na aprendizagem dos conteúdos escolares pelos alunos. A atividade educativa, segundo Libâneo (2013), é realizada nas diversas áreas da vida social, nas famílias, nos grupos sociais, nas instituições educacionais ou assistenciais, nas associações profissionais, sindicais e comunitárias, nas igrejas, nas empresas, nos meios de comunicação de massa etc., assumindo diferentes formas de organização.

A educação escolar é formada dentro de um sistema de instrução e ensino proposital e intencionalmente, com práticas sistematizadas e alto grau de organização, mantendo uma ligação com as demais práticas sociais. Os conhecimentos são democratizados pela educação escolar, pois é a escola que proporciona a oportunidade de trabalhadores colocarem seus filhos em uma escolarização formal para adquirirem conhecimentos científicos e construir a capacidade de pensar criticamente sobre os problemas e desafios da realidade social. A Pedagogia, segundo Libâneo (2013), é o campo de conhecimento que investiga a natureza das finalidades da educação em uma determinada sociedade, bem como os meios apropriados para a formação dos indivíduos, tendo em vista prepará-los para as tarefas da vida social.

Uma vez que a prática educativa é o processo pelo qual são assimilados conhecimentos e experiências acumulados pela prática social da humanidade, cabe à Pedagogia assegurá-lo, orientando-o para finalidades sociais e políticas, e criando um conjunto de condições metodológicas e organizativas para viabilizá-lo. (LIBÂNEO, 2013, p. 23, 24).

A didática é o principal ramo de estudo da Pedagogia. Ela investiga os fundamentos, formas e meios de realizar uma instrução e o ensino. Tem a função de transformar objetos sociopolíticos e pedagógicos em objetivos de ensino, selecionar conteúdos e métodos em função desses objetivos, estabelecer os vínculos entre ensino e aprendizagem, visando o desenvolvimento das capacidades mentais dos alunos.

As metodologias específicas das matérias de ensino e a didática formam uma unidade que mantém entre elas relações recíprocas. A Didática fica responsável pela teoria geral do ensino, já as metodologias específicas, que fazem parte do campo da Didática, ficam responsáveis pelos conteúdos e métodos próprios de cada matéria em sua relação com objetivos educacionais. Com base em seus vínculos com a Pedagogia, a Didática generaliza processos e procedimentos obtidos na busca realizada por matérias específicas, pelas ciências que fornecem embasamento ao ensino à aprendizagem e pelas situações concretas da prática docente.

Segundo Candau (2014), a formação de educadores está passando por um momento de revisão substantiva e de crise no país. Essa situação é gerada pelo questionamento da função da educação na sociedade, bem como a falta de clareza sobre a missão do educador e a redefinição do curso de pedagogia e demais licenciaturas. A formação profissional do professor é desenvolvida nos cursos Superiores e são, de acordo com Libâneo (2013), integradas por um conjunto de disciplinas coordenadas e articuladas entre si, onde os objetivos e conteúdos devem concorrer para uma unidade teórico-metodológica do curso.

A formação do professor abrange duas dimensões: a formação: teórico-científica; e a formação: técnico-prática. A primeira, incluindo a formação acadêmica específica nas disciplinas em que o professor vai especializar-se e a formação pedagógica, envolve conhecimentos da Filosofia, Sociologia, História da Educação e da própria Pedagogia que contribuem para o esclarecimento do fenômeno educativo no contexto histórico-social. A segunda visa à preparação profissional específica para a docência, incluindo a didática, as metodologias específicas das matérias, a Psicologia da Educação, a pesquisa educacional e outras.

A formação profissional para o magistério requer, assim, uma sólida formação teórico-prática. Muitas pessoas acreditam que o desempenho

satisfatório do professor na sala de aula depende de vocação natural ou somente da experiência prática, descartando-se a teoria. É verdade que muitos professores manifestam especial tendência e gosto pela profissão, assim como se sabe que mais tempo de experiência ajuda no desempenho profissional. Entretanto, o domínio das bases teórico-científicas e técnicas, e suas articulações com as exigências concretas do ensino, permitem maior segurança profissional, de modo que o docente ganhe base para pensar sua prática e aprimore sempre mais a qualidade do seu trabalho. (LIBÂNEO, 2013, p. 28).

A Didática e as metodologias de ensino específicas das disciplinas tomam como base conhecimentos pedagógicos e científico-técnicos, são disciplinas que auxiliam a prática docente a partir de situações concretas em que se realiza o ensino. A escola e os professores cumprem com suas responsabilidades sociais e políticas na realização de suas tarefas básicas. Dessa forma, ao promover aos discentes o domínio dos conhecimentos culturais e científicos, a educação escolar partilha o saber sistematizado e desenvolve capacidades cognitivas e operacionais para a atuação no trabalho e nas lutas sociais pela conquista dos direitos de cidadania.

4 CONCLUSÃO

Este trabalho tem a importância de retratar os aspectos da didática em ambientes escolares, assim como, ressaltar sua importância para o desenvolvimento de aulas e atividades curriculares que venham promover conhecimentos educacionais, científicos, sociais e culturais, para que se possa compreender o desenvolvimento humano no mundo.

Como se pode observar ao decorrer deste trabalho, a didática, mesmo antes de possuir esse nome, já vinha sendo trabalhada e utilizada ao longo da história da educação. Hoje se faz necessária sua utilização, pois esta está entranhada no âmbito educacional de tal forma que é quase impossível separá-la sem causar danos à qualidade do ensino. A didática é inseparável da educação escolar assim como a teoria é inseparável da prática.

Os recursos tecnológicos fazem parte do progresso da humanidade, e não deve ser diferente na educação. Se utilizados de forma pedagogicamente correta, as tecnologias podem auxiliar o desenvolvimento de atividades escolares e extraescolares, não tornando o ensino tradicional ou tecnicista, mas facilitando a aplicação de atividades e conteúdos de forma mais produtiva, objetiva, direta, simples e de fácil assimilação.

Tais recursos facilitam, em qualquer área do ensino, a transmissão de informações educacionais. A didática não ajuda de forma universal, como é citada por Comenius no livro “Didática magna”, mas sim de forma específica, onde, das diversas metodologias que compõem a didática, é utilizado um método específico para cada área da educação, cada disciplina, cada necessidade educativa.

REFERÊNCIAS

- ARAUJO, José Carlos S. Para uma análise das representações sobre as técnicas de ensino. In: VEIGA, Ilma Passos A. **Técnicas de ensino: Por que não?** 21ª ed. Campinas: Papirus, 2011.
- CANDAU, Vera M. A formação de educadores: uma perspectiva multidimensional. In: _____. **Rumo a uma nova didática.** 24ª ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- CANDAU, Vera M. **Rumo a uma nova didática.** 24ª ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- CANDAU, Vera Maria. **A didática em questão.** 33ª ed. Petrópolis: Vozes, 2012.
- CASTANHO, Maria Eugênia L.M. Da discussão e do debate nasce a rebeldia. In: VEIGA, Ilma Passos A. **Técnicas de ensino: Por que não?** 21ª ed. Campinas: Papirus, 2011.
- DAMIS, Olga Teixeira. Didática e ensino: relações e pressupostos. In: VEIGA, Ilma Passos A. **Repensando a didática.** 29ª ed. Campinas: Papirus, 2012.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 56ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.
- GERHARDT, Tatiana Engel e SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa.** – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.
- Guia de elaboração de trabalhos acadêmicos / Rose Suellen Lisboa (Org.); Diego Santana (Colab.) Nonato Lisboa (Rev.). -- Belém: Biblioteca UFPA, 2017.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Didática.** 2. ed. São Paulo: Cortez, 2013.
- LIBÂNEO, José Carlos. Tendências pedagógicas na prática escolar. In: _____. **Democratização da Escola Pública.** São Paulo: Edições Loyola Jesuítas, 2014.
- LISBOA, Rose Suellen Lisboa (Org.). **Guia de elaboração de trabalhos acadêmicos UFPA.** Belém: Biblioteca UFPA, 2017.
- LOPES, Antonia O. Aula expositiva: superando o tradicional. In: VEIGA, Ilma Passos A. **Técnicas de ensino: Por que não?** 21ª ed. Campinas: Papirus, 2011.
- LUCKESI, Cipriano C. O papel da didática na formação do educador. In: CANDAU, Vera M. **A didática em questão.** 33. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.
- MARTINS, Pura Lúcia O. Conteúdos escolares: a quem competem a seleção e a organização? In: VEIGA, Ilma Passos A. **Repensando a didática.** 29ª ed. Campinas: Papirus, 2012.
- MENEZES, Ebenezer Takuno de; Santos, Thais Helena dos. Verbete Reforma Francisco Campos. Dicionário Interativo da Educação Brasileira – Educabrazil. São Paulo: Midiamix, 2001. Disponível em: <<http://www.educabrazil.com.br/reforma-francisco-campos/>>. Acesso em: 24 de set. de 2018.

SAVIANI, Dermeval. As teorias da educação e o problema da marginalidade. In: _____. **Escola e democracia:** teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política. 32. Ed. Campinas: Autores Associados, 1999.

Significado de Ética e Moral. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/etica-e-moral/>> acesso em: 16/03/2019.

Significado De Metodologia. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/metodologia/>> acesso em: 20/09/2018.

Significado de Pesquisa bibliográfica. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/pesquisa-bibliografica/>> acesso em: 13/02/2019.

VEIGA, Ilma Passos A. Na sala de aula: o estudo dirigido. In: _____. **Técnicas de ensino: Por que não?** 21ª ed. Campinas: Papirus, 2011.

VEIGA, Ilma Passos A. **Técnicas de ensino: Por que não?** 21ª ed. Campinas: Papirus, 2011.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. Didática: uma retrospectiva histórica. In: _____. **Repensando a Didática.** 29ªed. Campinas: Papirus, 2012.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **Repensando a Didática.** 29ªed. Campinas: Papirus, 2012.